ISSN: 2358-8829

PATRIARCADO E VOZES FEMININAS EM *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Stefanny Thaianny da Costa Duarte [1]
Karla Raphaella Costa Pereira [2]

Resumo: No romance Hibisco Roxo [2003], Chimamanda Ngozi Adichie mergulha nas cicatrizes do período colonial, trazendo à tona o relato sobre as complexas relações entre pais e filhos em um cenário marcado pela opressão e pelo abuso. A narrativa concentra-se na história de Kambili, jovem que cresce num ambiente familiar marcado pela opressão paterna e da religiosidade na Nigéria pós-colonial. Aborda temáticas como religião, colonialismo e patriarcado, motivando reflexões acerca das relações familiares e dos desafios da busca das mulheres por autonomia. O presente trabalho tem como objetivo discutir e entender as relações familiares atravessadas pelo poder patriarcal e como se levantam as vozes femininas, na obra Hibisco Roxo. Ainda, temos o intuito de, a partir da obra de Adichie, compreender como o processo de colonização influenciou a vida das mulheres. A metodologia trata-se de uma análise literária focada na figuração dada na obra para construir interpretações a partir da imanência do texto. Para o estudo literário nos ancoramos em autores como Antonio Candido, Edward Forster, Gérard Genette, dentre outros. Como referencial teórico crítico, utilizamos Lélia Almeida, ao discutirmos sobre linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina; Melissa Lopes, ao discutirmos sobre relações de gênero; bell hooks, que discute sobre a educação transgressora e os direitos das mulheres negras; além de Ifi Amadiume, Helen Chukwuma e dos textos teóricos da própria Chimamanda Adichie. Esse trabalho possibilita variadas considerações, como a busca por liberdade, direito e igualdade, discussão que permanece em aberto para que outras questões possam surgir em trabalhos futuros.

Palavras-chave: Patriarcado. Opressão das mulheres. Figuração Literária. Literatura africana. Decolonização.

---

[1] Graduada em licenciatura em Letras português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) ,Stefannycd42@gmail.com;
[2]Doutora em Educação (UECE) e Letras (UFC), pós-doutorado em Educação (UECE), professora adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), karla.costa@ufersa.edu.br;

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A Nigéria, figurada no romance *Hibisco roxo,* carrega as marcas da colonização e apresenta um sistema de poder que está enraizado tanto nas estruturas sociais, culturais e familiares. Assim, o patriarcado, que é um sistema de poder que privilegia os homens em relação às mulheres, influencia a vida das pessoas. Dessa maneira, a colonização influencia também à dominação cultural e à imposição de relações de poder.

Dessa forma, *Maria Rita Kehl (1998)* ressalta que o homem designou quais os lugares que as mulheres ocupam dentro de uma sociedade, na qual essa dominação masculina se perpetua de forma naturalizada. Assim, é por meio de instituições como a família e a igreja que existe a reprodução de ideias de dominação:

> Os discursos que construíram a feminilidade tradicional fazem parte do campo simbólico e chegaram aos sujeitos como parte do discurso do Outro: a educação formal, as expectativas parentais, o senso comum, e também muito da produção científica e filosófica da época diziam a cada mulher o que ela deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher (Kehl, 1998, p. 53).

Em vista disso, compreende-se, na obra, os muitos desafios enfrentados pelas mulheres que têm suas vidas limitadas pelas normas definidas pelos homens da família. Em *Hibisco Roxo (2003)*, percebemos como o patriarcado está enlaçado na jornada das personagens, que são retratadas em suas resistências e resignação perante as normas impostas pelo patriarcado.

Hibisco roxo foi publicado no ano de 2003 pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie. O romance nos oferece uma visão da realidade do patriarcado na sociedade nigeriana, explorando os impactos causados nas vidas das personagens. A protagonista vivencia, em sua própria sociedade, um choque cultural que a faz refletir sobre sua vida familiar e as relações de poder às quais ela, a mãe e o irmão estão submetidos. A autora expõe situações relacionadas à violência da opressão. Desse modo, somos convidados a confrontar questões culturais e sociais e a questionar nossas próprias crenças.

ISSN: 2358-8829

Dividida em quatro partes, a saber: *Quebrando deuses: Domingo de Ramos*, *Falando com nossos espíritos: Antes do Domingo de Ramos*, *Os pedaços de deuses: Após o Domingo de Ramos* e *Um silêncio diferente: O presente*, a obra não segue um tempo linear, ela mescla acontecimentos entre passado e presente. Assim, podemos trazer como ponto principal da história a trajetória de Kambili, uma vez que é através de seus pensamentos que a protagonista narra a história.

Então, a partir desta obra, podemos observar que a autora apresenta, em sua escrita, questões relacionadas à luta anticolonial e a luta feminista. Percebemos, por meio de sua narrativa, o silenciamento do indivíduo africano e feminino. Portanto, esse silenciamento proporciona uma exclusão, principalmente, no que diz respeito à produção da literatura no cânone, sobretudo, nigeriano.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir e entender as relações familiares atravessadas pelo poder patriarcal e como se levantam as vozes femininas, na obra *Hibisco Roxo (2003)*. Ainda, temos o intuito de, a partir da obra de Adichie, compreender como o processo de colonização influenciou a vida das mulheres. Como referencial teórico utilizaremos Almeida (2004) ao falarmos sobre linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina e Lopes (2017) ao discutirmos sobre *Relações de gênero em Hibisco Roxo: o homem branco como paradigma*.

Retratos de violência em *Hibisco Roxo:* Um refúgio que fere

A obra *Hibisco Roxo (2003)* é narrada pela personagem Kambili, uma jovem economicamente privilegiada que sofre as consequências dos costumes do período colonial. Sua família, de etnia *igbo*, é formada por seu pai, Eugene, sua mãe, Beatrice, e seu irmão, Jaja. É importante ressaltar que a personagem Kambili nos mostra a realidade da Nigéria, que ainda é marcada por golpes políticos e pela violência. Assim, é importante frisar que a Nigéria foi vítima de um processo de colonização, na qual vem sendo explorado na literatura.

Marcada por uma rotina de silenciamento e de regras rígidas e severas, Kambili nos mostra como é viver em laços com as crenças tradicionais da comunidade. Seu pai, Eugene, um homem influente perante a sociedade e extremamente religioso, dedica-se aos dogmas da fé cristã, colocando-os acima de toda e qualquer perspectiva humana. O

ISSN: 2358-8829

fanatismo religioso de Eugene cria um ambiente de opressão, dominação e violência, principalmente para as mulheres.

Assim, Eugene é um personagem devoto à religião cristã, adotando uma postura extremamente rígida. Cabe ressaltar que ele teve uma educação, na qual internalizou a ideia de que o cristianismo é superior às demais religiões tradicionais da África, ou seja, essa educação foi uma ferramenta da colonização que desvalorizava e rejeitava as tradições ancestrais dos povos a serem aculturados. E, assim, nasce o conflito existente entre Eugene e seu pai, Papa-Nnukwu. Por um lado, Papa-Nnukwu mantém suas práticas religiosas e vive em harmonia com sua fé ancestral e tradicional, simbolizando a resistência às imposições coloniais e a resiliência da cultura africana.

A história de Eugene e seu pai, Papa-Nnukwu, é um reflexo vívido das tensões que surgem quando culturas se encontram em choque devido à colonização. Eugene cresceu em um ambiente onde o cristianismo era apresentado como a única verdade, uma visão que ele aceitou completamente. Essa formação não só afastou Eugene das práticas ancestrais de sua família, mas também serviu como uma ferramenta para a colonização, que visava apagar e desvalorizar as tradições africanas em favor das crenças europeias.

Essa situação é muito parecida com o impacto que os jesuítas tiveram no Brasil durante o período colonial. Os jesuítas foram fundamentais na missão de converter os indígenas ao cristianismo, estabelecendo escolas e missões que tentavam substituir as culturas e crenças locais por valores europeus. O conflito entre Eugene e Papa-Nnukwu, portanto, é um microcosmo da luta maior entre a imposição cultural colonial e a resistência das culturas locais. Eugene representa aqueles que se adaptam e aceitam as novas crenças, enquanto Papa-Nnukwu simboliza a luta para preservar uma herança cultural ameaçada. No Brasil, a batalha entre os jesuítas e os indígenas refletiu essa mesma tensão: a tentativa de impor uma nova religião e modo de vida versus o esforço para manter vivas as tradições locais.

A cada página lida da obra, é possível perceber a facilidade e a naturalidade com que a personagem descreve cenas fortes. É interessante observar que isso está ligado ao ambiente familiar em que a personagem Kambili está inserida. Um ambiente marcado por violência e opressão. Então, a partir das figuras como Kambili, Beatrice e Ifeoma, podemos descobrir como os efeitos da dominação familiar e religiosa tange a luta da população nigeriana para se libertar das marcas do colonialismo.

ISSN: 2358-8829

A violência física é uma parte constante na vida de Beatrice, a Mama de Kambili. Eugene, seu esposo, está sempre agredindo-a e, geralmente, dizendo que está fazendo isso para manter a moralidade dentro de casa ou manter a odem. Durante toda a narrativa, a narradora Kambili nos mostra as diversas agressões sofridas pelas personagens. Podemos perceber isso na seguinte passagem:

> Eu estava no meu quarto após o almoço, lendo o capítulo V da Epístola de Tiago porque eu ia falar das raízes bíblicas da unção dos doentes durante a hora da família, quando ouvi os sons. Pancadas pesadas e rápidas na porta talhada à mão do quarto dos meus pais. Imaginei que a porta estava emperrada e que Papa estivesse tentando abri-la. Se imaginasse aquilo sem parar, talvez virasse verdade. Eu me sentei, fechei os olhos e comecei a contar. Contar fazia o tempo passar um pouco mais rápido, fazia com que não fosse tão ruim. Às vezes, acabava antes de eu chegar ao número vinte. Eu já estava no dezenove quando o som parou. Ouvi a porta se abrindo. Os passos de Papa na escada pareceram mais pesados, mais desajeitados do que o normal. (Adichie, 2011, p.35)

Beatrice é sempre subjugada dentro de sua própria família, refletindo como essa posição é reflexo da opressão patriarcal que rege a sociedade nigeriana. Ela suporta tudo em silêncio para tentar proteger os seus filhos da ira e do enfurecimento do seu marido. Apesar dessa opressão representar a aceitação resignada da violência que sofre e ausência de voz nas decisões familiares, Beatrice representa a resistência silenciosa de muitas outras mulheres que vivem em situações parecidas, uma vez que usava o silêncio como estratégia de sobrevivência. Logo, percebemos durante toda a narrativa como Beatrice raramente se expressa sobre os abusos que sofre, trazendo seu silêncio como uma forma de resistência.

Assim, em seu ensaio *Direito à literatura*, *Candido (1964)* argumenta que a literatura é um direito humano essencial, uma vez que proporciona uma experiência humanizadora. Para ele, é através da literatura que o indivíduo, principalmente aqueles mais oprimidos e marginalizados, se reconhecem como sujeitos sociais, sendo capazes de resistir à opressão. Dessa forma, em *Hibisco roxo (2003)*, Adichie ao dar espaço às mulheres que, de certa forma, resistem ao patriarcado e a cultura do colonialismo, demonstra esse direito que Candido considera fundamental, ou seja, Adichie apresenta às personagens femininas o direito à fala e a mostrar a sua realidade, cumprindo, assim, a função social.

Portanto, ela simboliza, de certa forma, inúmeras mulheres que não conseguem se libertar de relacionamentos abusivos, independentemente de circunstâncias sociais,

econômicas ou culturais. A história de Beatrice ecoa com a realidade de mulheres que encontram maneiras de sobreviver e resistir à opressão por meio do silêncio.

No decorrer do romance, Kambili narra um momento de vulnerabilidade, onde sua mãe, Beatrice, revela um caso de abuso físico que levou a consequências trágicas. A perda de seu bebê e a maneira como ela internaliza essa dor reflete sua coragem, mesmo tendo suas circunstâncias quase insuportáveis.

> Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, nne? Seu pai quebrou-a na minha barriga - disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira pesada. - Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pôde fazer nada para salvá-lo.
> Mama balançou a cabeça devagar. Um filete de lágrimas desceu lentamente por suas bochechas, como se tivesse sido um esforço para ele ter saído de seus olhos.
> - Salvá-lo? - sussurrou tia Ifeoma.
> - O que você quer dizer? -
> Eu estava grávida de seis semanas (Adichie, 2011, p.254)

A maneira como Beatrice descreve o episódio quase mascara a gravidade da situação ocorrida. O impacto quando ela menciona que o médico não pôde "salvá-lo", revela, de certa forma, uma tragédia como uma resignação dolorosa. Cada lágrima que escorre no seu rosto é como se fosse um esforço imenso para ser liberada e como se precisasse se distanciar emocionalmente para suportar a memória.

Nessa perspectiva, Kambili nos revela não apenas os momentos de sofrimento silencioso de sua mãe, Beatrice, mas também os atos de resistência que marcam sua jornada dentro do seu ambiente doméstico agressivo e opressivo. Por exemplo, um aspecto marcante é a descrição minuciosa da rotina de Beatrice em limpar e zelar das estatuetas, uma atividade carregada de significados simbólicos.

> Anos antes, quando eu ainda não entendia, eu me perguntava por que ela limpava as estatuetas sempre depois de eu ouvir aquele som vindo do quarto deles, um som que parecia ser de alguma coisa batendo na porta pelo lado de dentro. Os chinelos de borracha de Mama não faziam barulho nos degraus, mas eu sabia que ela havia ido lá para baixo quando ouvia a porta da sala de jantar sendo aberta. Eu descia e a via parada ao lado da estante de vidro com um pano de prato encharcado de água e sabão. Ela dedicava pelo menos quinze minutos a cada estatueta de bailarina. Nunca havia lágrimas em seu rosto. Da última vez, há apenas duas semanas, quando seu olho inchado ainda estava da cor preto-arroxeada de um abacate maduro demais, Mama rearrumara as estatuetas depois de limpá-las. (Adichie, 2011, p.15)

ISSN: 2358-8829

É possível perceber que Beatrice usa a limpeza como uma forma de lidar com a opressão que enfrenta em seu casamento. A cada minuto que se dedica a cada estatueta é uma tentativa de reivindicar algum controle sobre seu próprio espaço. Cada movimento cuidadoso ao limpá-las é uma maneira de se safar das marcas do abuso. Logo, a trajetória de Beatrice nos incentiva a refletir sobre as expectativas tradicionais, em que as mulheres são frequentemente esperadas para assumir papéis de submissão. Assim, Beatrice é uma personagem que, apesar de tudo, mantém sua força e identidade.

Através da autora Adichie, somos convidados a considerar a importância da autoria feminina na literatura, principalmente ao abordar temas relevantes como a luta por autonomia, o abuso doméstico e a dignidade das mulheres. Assim, Adichie ao dar vozes às experiências das mulheres que, muitas vezes, são silenciadas, amplia o nosso entendimento sobre as complexidades da condição feminina. Em *Hibisco Roxo (2003)*, estamos nos engajando em um diálogo vital sobre poder, identidade e resistência através da lente de autoria feminina.

Nesse sentido, *Almeida (2009)* sustenta que

> As mulheres que, historicamente, cumprem com demandas e papéis impostos socialmente, perguntam-se, principalmente ao longo do século passado e no momento presente, quem são, como desejam ser, como não querem mais ser. Esta pergunta sobre novas identidades e sobre a busca de novos caminhos é central nas referidas narrativas, nas quais a presença de um espelho é frequente, objeto que faz referência clara ao universo feminino. (Almeida, 2004, p.22)

Em *Hibisco Roxo (2003)*, a autora Adichie nos convida a refletir sobre a história da vida de Beatrice como também refletir sobre as complexidades da identidade feminina em uma sociedade patriarcal. Dessa forma, Beatrice enfrenta as expectativas sociais que são impostas a ela, em especial dentro de seu casamento. Assim, sua jornada para se descobrir quem é e como não quer mais ser, representa uma luta das mulheres que buscam encontrar sua própria autenticidade em meio às opressões externas. Então, a personagem Beatrice se torna uma referência para muitas outras mulheres que buscam por uma vida respeitada.

Ainda nessa perspectiva, *Lopes (2017)* argumenta que,

> De acordo com Okuyade, ainda, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie transita em sua obra e, mais especificamente, em seu livro Hibisco Roxo, entre esses dois temas, discutindo assuntos como a herança colonial, a guerra civil e a condição da mulher na Nigéria contemporânea. Ressalto, a partir dos temas usados por Adichie em seu romance, a discussão das

> dinâmicas de gênero e poder e a construção de masculinidades e feminilidades a partir dos modelos sociais impostos pelo colonizador na Nigéria. (LOPES, 2017, p.15)

É possível perceber de forma clara o impacto da colonização nas normas sociais que dominam o comportamento da figura masculina e feminina. A obra *Hibisco Roxo (2003)* nos oferece uma análise rica e profunda das dinâmicas de gênero e poder dentro da sociedade nigeriana, explorando como as heranças de um passado colonial ainda influenciam o presente. Logo, podemos dizer que o impacto da colonização é uma marca evidente nas expectativas que recaem sobre os indivíduos, na qual resulta em comportamentos que perpetuam a opressão e, consequentemente, a desigualdade.

Explorando o Patriarcado e o Fanatismo Religioso em *Hibisco Roxo*: Fragmentos de Devoção e Dominação

Em *Hibisco Roxo (2003),* Adichie captura a resistência humana em momentos de extrema adversidade. É por meio de episódios como a cena no mercado, que a autora nos mostra um evento de desespero em um mercado, evidenciando a vulnerabilidade das pessoas daquele local. Por meio de gritos, as mercadoras refletem a sensação de desamparo e desespero.

> As mercadoras gritavam, e muitas haviam colocado as mãos sobre a cabeça, como as pessoas fazem para mostrar choque ou desespero. Uma mulher estava deitada no chão de terra, aos prantos, puxando seu afro curtinho. Sua canga se abrira e dava para ver sua calcinha branca. (Adichie, 2011, p.46)

Corrupção e exploração econômica são práticas comuns que permeiam a vida cotidiana dos personagens. As autoridades são retratadas como figuras de opressores que se utilizam do poder para benefício próprio. O romance nos oferece uma crítica sobre o sistema político nigeriano, evidenciando como a ganância agrava o sofrimento do país.

> Golpes levavam a mais golpes, disse Papa, contando-nos sobre os golpes sangrentos dos anos 1960, que acabaram se transformando em uma guerra civil logo depois que ele deixou a Nigéria para ir estudar na Inglaterra. Um golpe sempre iniciava um ciclo vicioso. Militares sempre derrubariam uns aos outros simplesmente porque tinham como fazer isso e porque todos ficavam embriagados pelo poder. (Adichie, 2011, p. 27-28)

ISSN: 2358-8829

É possível perceber em várias passagens da narrativa, como a Igreja Católica trata os fiéis de acordo com seu status social. A Igreja sendo retratada com uma instituição conservadora, de certa forma violenta e segregadora. Assim, essa distinção social entre indivíduos apenas reforça que o valor de uma pessoa é medido pela sua visibilidade na comunidade.

> Estávamos no primeiro banco da igreja. Uma assistente com uma medalha da Virgem Maria pregada em seu vestido de algodão branco se apressara em nos levar até aquele lugar, dizendo a Papa num sussurro alto e urgente que os bancos da frente estavam reservados para as pessoas importantes. (Adichie, 2011, p. 92)

Por meio deste trecho, podemos perceber a desigualdade dentro da comunidade religiosa. Ao reservar os primeiros assentos com base no status social, apenas se reforça a divisão entre os fiéis. É notável como Eugene e sua família aceitam essa deferência sem questionamentos, mostrando como essas dinâmicas de poder são incorporadas e consideradas normais em seu cotidiano.

A autora Adichie, através da figura de Eugene, ilustra a complexa exploração sobre o fanatismo religioso. Sua devoção à fé católica é inabalável. Sua rudeza cria um ambiente de medo e repressão, onde sua esposa e seus filhos são frequentemente pressionados a se conformarem com seus padrões idealizados e devoção religiosa.

> - O que você está fazendo, Kambili?
> Engoli em seco. - Eu... eu...
> - Está comendo dez minutos antes da missa? Dez minutos?
> - Ela ficou menstruada e está com cólica... – explicou Mama.
> Jaja a interrompeu.
> - Fui eu que mandei Kambili comer antes de tomar Pandol, Papa. Eu preparei o cereal dela.
> - Será que o demônio pediu pra você fazer o trabalho dele? – disse Papa, com as palavras em igbo saindo de sua boca numa torrente.
> – Será que o demônio armou uma tenda dentro da minha casa? (ADICHIE, 2011, p. 104)

Partindo da análise deste trecho, notamos que a ação da personagem Kambili em comer antes da missa é transformada em um confronto imenso. Assim, por meio deste diálogo, vemos como as crenças extremas de Eugene criam um ambiente de medo e opressão, onde até mesmo as ações mais simples são sujeitas a uma punição rápida. Portanto, Eugene carrega consigo as tradições de uma Nigéria ainda Ocidental.

ISSN: 2358-8829

Deste modo, o comportamento de Eugene reflete uma continuidade dos valores introduzidos durante a colonização que influenciaram as dinâmicas familiares e religiosas. Logo, a obra *Hibisco Roxo (2003),* nos convida a refletir sobre como essas tradições ocidentais continuam a moldar a sociedade nigeriana que representa para a verdadeira descolonização e identidade africana.

Considerações finais:

Para concluir, nossa pesquisa teve como intuito explorar as complexas dinâmicas familiares atravessadas pelo poder patriarcal na obra *Hibisco Roxo (2003)*, evidenciando como as vozes femininas se erguem apesar da opressão. Dessa forma, foi possível identificar, por meio dos personagens, como o patriarcado impõe restrições severas sobre a figura feminina, limitando sua expressão e, consequentemente, a autonomia.

Ainda, nossa análise mostrou como o processo de colonização impactou a vida das mulheres nigerianas, perpetuando desigualdades. Assim, como Eugene evidencia, a internalização dos valores ocidentais mostrou-se importante para que as dinâmicas de poder continuassem a afetar a população feminina na Nigéria.

Logo, o romance serve como reflexão entre patriarcado e colonialismo, expondo as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelas mulheres e sua luta por liberdade e reconhecimento. Por fim, este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda sobre essas questões, entretanto, tal discussão permanece em aberto para que outras questões possam surgir.

Assim, *Hibisco Roxo (2003)* serve como uma poderosa reflexão sobre a intersecção entre patriarcado e colonialismo, revelando as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelas mulheres e a complexidade de suas lutas por reconhecimento e liberdade. Este trabalho contribuiu para uma compreensão mais profunda dessas questões, evidenciando a relevância da obra de Adichie para os estudos sobre gênero, poder e colonialismo.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Hibisco Roxo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALMEIDA, Lélia. Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina. Revista de estudios literários, n. 26, 2004.

CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

LOPES, Melissa Mota. Relações de gênero em Hibisco Roxo: O homem branco como paradigma. Monografia. 49p. Brasília: UNB, 2017.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.